



Expressões
Anarquistas
Ano 0
Verão 2020

anarkio.net

Anarkio

Na luta somos dignas, livres e iguais!

Ni daŭras semas kaj batalas por liberaj teritorioj



ESPACIO
ABIERTO



ANARKIO | ANARQUIA | ANARCHY | ANARCHIA

Barricada
Destruir
Construir
Libertária



Danças das Idéias



anarkio
fenikso@riseup.net



Sobre Licença Creative Commons:

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR

Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato;

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material;

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado (**copyleft para Fenikso Nigr**), prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

NãoComercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

Compartilhar Igual — Se você remixar, transformar, ou criar a partir do material, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença que o original.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita



Organização de base das pessoas trabalhadoras

O grupo de pessoas trabalhadoras em luta necessitam de uma organização que lhe permita compreender e discutir, através da qual possa tomam decisões e concretizá-las, e graças à qual possa fazer conhecer as ações que possam praticar e os objetivos que precisam.

Evidentemente, isso não significa que todas as grandes ações e as greves gerais devam ser dirigidas a partir de um ponto central, nem que elas devam ser definidas por disciplina militar. Isso ocorre as vezes, mas na maior parte, as greves gerais explodem espontaneamente, num clima de combatividade, solidariedade e paixão, para responder a algum mau golpe do sistema capitalista ou para apoiar camaradas. Tais greves propagam-se como um fogo na planície.

Desde o início da revolução industrial, os movimentos de greve conheceram uma sucessão de altos e baixos. Os que tiveram mais êxito foram muitas vezes aqueles que não tinham sido decididos antecipadamente, enquanto que aqueles que tinham sido provocados pelas diretorias centrais obtiveram baixo resultado.

Para se reunir uma força organizada, os grevistas em ação têm necessidade de um entendimento mínimo em comum. Não podem atacar a poderosa organização do poder capitalista, empresarial, patronal se não apresentarem, uma organização fortemente estruturada, se não formarem uma união robusta e compacta, de suas forças e desejos, se elas não agirem de forma coordenada. Porque quando milhares ou milhões de pessoas trabalhadoras não formam mais que um corpo unido, elas apenas serão dirigidas por pessoas funcionárias que agem em seu nome. E temos visto que estas representantes se tornam então as donas da organização e deixam de atender os interesses revolucionários das pessoas oprimidas e exploradas, trabalhadoras

Como pode as pessoas trabalhadoras nas suas lutas revolucionárias, reunir as suas forças numa poderosa organização sem se afundar no lodo fétido da burocracia? Pensamos esta pergunta com uma outra: quando as pessoas trabalhadoras se limitam a pagar as suas contribuições sindicais e a obedecer as diretorias, estão realizando ações revolucionárias de emancipação?

Lutar pela liberdade, não é deixar as diretorias decidir em seu lugar, nem segui-las com obediência, e poder repreendê-las de vez em quando. Atuar pela liberdade, é participar com todos os seus meios, é pensar e decidir por si mesmo, é tomar todas as responsabilidades enquanto pessoa entre companheiras iguais. É evidente que pensar por si mesma, decidir do

que é coerente e do que é justo, constitui para a pessoa trabalhadora que tem o espírito fatigado pelo trabalho do dia a dia, uma tarefa árdua e difícil, bem mais exigente que se ela se limitar a pagar e a obedecer.

Mas é o caminho que conduz à liberdade de fato!

Fazer-se libertar pelas outras, que fazem desta libertação um instrumento de domínio, é simplesmente substituir as antigas patronais por novas.

Para atingir o seu objetivo - a liberdade - as trabalhadoras deverão administrar o mundo; deverão poder utilizar as riquezas da terra de maneira a torná-la acolhedora para todas. Elas não poderão fazê-lo enquanto não souberem agir por sua própria vontade. A revolução das pessoas oprimidas e exploradas não consiste exclusivamente em destruir o poder capitalista. Ela exige também que o conjunto dos grupos de trabalhadoras saiam da sua situação de dependência e ignorância para aceder à independência e construir um mundo novo. Uma organização de fato que as pessoas trabalhadoras têm necessidade no processo revolucionário é uma organização na qual cada uma participa, corpo e alma, tanto na ação como na direção, na qual cada uma pensa, decide e age mobilizando todas as suas energias - um bloco unido de pessoas plenamente responsáveis. As diretorias profissionais não têm lugar numa tal organização. Bem entendido será necessário acordar que cada uma se sujeitará às decisões que ela próprio contribuiu. Mas o conjunto de poder está nas mãos de todas na organização

Essa organização será realizada como? Que estrutura terá?

Não há uma receita ou formas predefinidas para que ocorra a organização das pessoas oprimidas e exploradas, o tempo nos tem mostrado que essas pessoas possuem capacidade de se organizarem em autogestão.

A primeira expressão da capacidade organizativa são os comitês de greves..

Quando as greves atingem uma certa importância, torna-se impossível que todas as trabalhadoras participem na mesma assembleia. Escolhem portanto delegadas que se reúnem num comitê. Tal comitê não é senão uma estrutura executiva das grevistas; estando constantemente em ligação com elas e devendo executar as decisões das pessoas trabalhadoras. Cada delegada é revogável a qualquer momento e o comitê não pode nunca tornar-se um poder independente ou absoluto. Desta forma, o conjunto das grevistas têm assegurado ser unido na ação conservando o privilégio das decisões. Em regra geral, os sindicatos e suas diretorias encarregam-se da direção dos comitês.

Durante as décadas de 70 e 80 no século passado, quando as greves se desencadeavam em uma maneira constante nas fábricas, as pessoas grevistas escolhiam delegadas que se organizavam em nome das indústrias, das fábricas e das oficinas de toda uma região, a fim de reunir força. A tarefa era discutir questões econômicas e as greves se pautavam por isso.

Há debates, em detalhe, sobre a situação presente, os interesses de todas as pessoas trabalhadoras e os acontecimentos políticos. As delegadas faziam constantemente a ponte entre a assembleia e as respectivas fábricas. Pelo seu lado, as pessoas trabalhadoras participavam em assembleias gerais nas quais discutiam as questões de seu interesse imediato, tomavam decisões e muitas vezes designavam novas pessoas delegadas.

As lideranças que mais se destacavam eram escolhidas como representantes; a sua função era de motivá-las nesse processo grevista. Através disso foram organizadas muitas ações, mas mantinham uma relação de controle e centralismo nessas lideranças que se tornaram caudilhas e uma elite das pessoas trabalhadoras.

Claro é uma organização das pessoas trabalhadoras não pode funcionar senão quando se encontra em presença de um grupo de pessoas oprimidas e exploradas. Enquanto as trabalhadoras não tiverem a intenção de prosseguir a revolução, não há organização. Se as trabalhadoras não são suficientemente esclarecidas para descobrir a via da revolução, se se contentam em ver as suas diretorias e representantes legais encarregarem-se de todos os discursos, meditações e negociações visando a obtenção de reformas no interior do sistema capitalista, os parlamentos, os partidos e as centrais sindicais - lhes bastam amplamente.

Mas se pelo contrário, as trabalhadoras põem todas as suas energias ao serviço da revolução, se participam com entusiasmo e paixão em todos os acontecimentos, se pensam e decidem, por elas próprias todos os detalhes da luta porque ela será obra delas, neste caso, as assembleias autogestionárias são a forma de organização necessária.

Isto implica igualmente que as assembleias não podem ser constituídas por grupos revolucionários. Estes últimos não podem senão propagar essa ideia, explicando as suas companheiras operárias que as oprimidas e exploradas em luta se deve organizar assembleias surge com a primeira ação de caráter revolucionário; a sua importância e funções cresce à medida que se desenvolve a revolução.

De imediato, elas podem não passar de simples órgãos de greve, constituídas para lutar contra as diretorias sindicalistas, sempre que as greves ultrapassam as intenções destes últimos e as grevistas recusam acompanhá-las por mais tempo.

As funções dessas estruturas tomam mais amplitude com greves gerais. As delegadas de todas as fábricas são então encarregadas de discutir e decidir sobre todas as condições de luta; elas devem tentar transformar as forças combativas das trabalhadoras em ações articuladas, pensadas, e ver como elas poderão reagir contra as medidas governamentais, patronais, empresariais, e as tomadas pelos militares.

Durante uma greve, as decisões serão tomadas pelas próprias trabalhadoras. Todas as opiniões, vontades, disponibilidades e ansiedades e frustrações da população não fazem mais que um todo no interior da organização assembleária. Esta torna-se o símbolo, o intérprete do poder das trabalhadoras; mas também não é mais do que a porta-voz que pode ser revogada a qualquer momento. De organização ilegal da sociedade capitalista, ela torna-se uma força de fato, a qual o governo passa desde então a ter em conta.

A partir do momento em que o movimento revolucionário adquire um poder tal que o governo fica seriamente afetado, as assembleias das trabalhadoras tornam-se órgãos políticos. Numa revolução política, elas encarnam o poder das trabalhadoras e devem tomar todas as medidas necessárias para enfraquecer e vencer os grupos adversários. Tal como uma potência em guerra, têm de montar guarda no conjunto do país, a fim de não perder de vista os esforços levados a cabo pelos grupos dirigentes, patronais, banqueiras, empresariais para reunir as suas forças e vencer as trabalhadoras.

Elas devem, por outro lado, assumir alguns negócios públicos que eram antes geridos pelos Estado: a saúde, o transporte, segurança pública e demais necessidades da sociedade em geral e das pessoas oprimidas e exploradas em particular.

Elas têm por fim, de tomar nas mãos a produção, o que representa a tarefa mais importante e árdua das oprimidas e exploradas em situação revolucionária.

Não houve revolução social que começou como uma simples mudança de lideranças políticas que, depois de ter conquistado o poder, procedem às mudanças sociais necessárias com o auxílio de novas regras. O grupo em ascensão sempre construiu, antes e durante a luta, as novas organizações que emergiram das antigas como brotos de uma árvore seca. Durante a revolução francesa, os novos grupos capitalistas, as cidadãs, as negociantes e as artesãs construíram, em cada cidade e aldeia, assembleias comunais e tribunais, ilegais na época, e que não faziam outra coisa que usurpar as funções das repartições reais, tornadas impotentes. E enquanto que em Paris as delegadas dessas assembleias elaboravam a nova constituição, as cidadãs através de todo o país faziam a verdadeira constituição promovendo reuniões políticas e construindo organizações políticas que deveriam, posteriormente, ser legalizadas.

Do mesmo modo, na revolução emancipatória das oprimidas e exploradas, um grupo ascendente deve criar as suas novas formas de organização que, pouco a pouco, ao longo do processo revolucionário, virão tomar o lugar da antiga organização política estatal. Enquanto que nova forma de organização política, a assembleia das pessoas trabalhadoras toma finalmente o lugar do parlamentarismo que é a forma política do regime capitalista.

Pessoas teóricas capitalistas, sociais-democratas e até socialistas pensam ver na

democracia partidária e parlamentar o perfeito modelo da democracia, conforme aos princípios da justiça e da igualdade. De fato, isso não passa de uma maneira de camuflar a dominação capitalista e autoritária que faz graça de toda a justiça e de toda a igualdade. Somente as assembleias diretas, autogestionárias constituem uma gestão das pessoas oprimidas e exploradas, pelas pessoas oprimidas e exploradas e para as pessoas oprimidas e exploradas.

A democracia partidária e parlamentar é uma democracia abjecta. A população não pode escolher as suas delegadas e votar senão uma vez de quatro ou cinco anos; e que esse voto seja o mais acertado, sensato e inútil!

As pessoas eleitoras só poderão exercer o seu poder no momento do voto; o resto do tempo, elas são domesticadas, muito dóceis e impotentes, como o sistema de controle dos grupos poderosos precisam. Nesta era digital, no século XXI, há alguns simulacros de participação virtual, onde as pessoas acreditam ter algum tipo de influência digital sobre tais assuntos, mas como escrito, não passo de uma simulação de participação, que ao desligar de um aparelho, se acaba como começou!

As pessoas eleitas tornam-se as dirigentes da sociedade; decretam as leis, formam os governos, e a população cabe apenas obedecer fielmente. Em regra geral, a máquina eleitoral está concebida de tal forma que apenas os grandes partidos, poderosamente equipados, tenham as possibilidades de ganhar. É muito pouco as cadeiras que são conquistados pelos partidos que se dizem de oposição.

Em um processo de assembleário, cada pessoa delegada será revogada sempre que for necessário. Cada delegada não passa de uma porta-voz temporária para um fim específico. Muitas vezes essas pessoas expressam, não a sua própria opinião, mas aquela qual ela foi indicada a expressar, do contrário perde totalmente seu caráter legítimo de delegada. Essa delegação é uma necessidade e sempre será provisória, a assembleia autogestionária, será sempre soberana em todos os momentos.

O modelo representativo parlamentar partidário entrega uma carta branca na mão de cada parlamentar eleito para que ela expresse o que bem queira. Se por algum motivo ouve, seja em comícios, seja pelas redes sociais, sua base eleitoral faz para passar a imagem que se importa com ela.

O mandato é e sempre será dessa pessoa e seu partido e não da população!

Um modelo de assembleias autogestionárias é o contrário disso: cada pessoa delegada é expressão das trabalhadoras.

O modelo eleitoral é uma quantificação em seus resultados, e não há como ser de outra forma: cada pessoa é um voto fixo (da pessoas mais esclarecida a mais ignorante pessoa) e levará quem obtiver mais voto, isto é, maior quantidade = processo quantitativo!

Cada candidata nesta situação não liga para cada pessoa eleitora e sim em ser eleita.

As assembleias autogestionárias reúnem as pessoas de forma direta e cada é uma expressão válida. São organizadas nos bairros, nas comunidades, nas fábricas, nos campos, nas indústrias e onde se fizerem necessárias, sempre de forma horizontal, sem pessoas donas ou cargos vitalícios. As deliberações são coletivas e sempre tratadas de forma a chegarem a um consenso, a uma ação em comum para todas, plenamente esclarecida a todas. Isso é a forma que mais assegura uma participação e controle da sociedade da forma mais ampla possível, sem intermediários de qualquer formato.

Uma vez que atuam em todas as partes da sociedade, as assembleias se tornam uma malha de gestão social que a envolve e faz funcionar visando processos que atendam a todas as demandas das pessoas oprimidas e exploradas. Quanto mais envolvimento das pessoas trabalhadoras, oprimidas e exploradas mais dinâmico se torna a estrutura de assembleias, tornando as relações sem opressão e sem exploração uma prática comum e ampliada. O conceito de não haver nem oprimidas nem opressoras, nem exploradas e nem exploradoras se torna um fato real.

Modelo eleitoral parlamentar partidário atende as necessidades de grupos sociais,

geralmente os mais organizados e o que possuem mais recursos que são quase sempre os grupos exploradores e opressores.

Embora pareça que cada pessoa que vote tenha alguma utilidade nesse modelo, no fim apenas entregam uma procuração em branco para que tais grupos possam pintar e bordar conforme queiram e não conforme a sociedade, principalmente as pessoas oprimidas e exploradas necessitam. Eleição é uma ilusão, uma cortina de fumaça para o que ocorre de fato: a manutenção das desigualdades sociais. Toda propaganda gira em esconder essa situação e enaltecer o poder do voto de cada pessoa, um voto de qualidade... mas não passa como foi descrito, de uma votação quantitativa. O esforço de uma pessoa em entender o programa de gestão/governo de uma candidata “perfeita” e de seu “maravilhoso” partido muito pouco contribui para a avalanche de pessoas que votarão por medo, por beleza, por mentira, por ilusão, por comodidade ou por qualquer motivo estapafúrdio que queiram.

A sua tarefa política não passava de uma parte ínfima da obra da sociedade. A mais importante, o trabalho produtivo, incumbia a todos as pessoas produtoras separadas, cidadãs como negociantes; ela exigia quase sempre toda a sua energia e cuidados. Logo que cada ser se ocupava dos seus pequenos negócios, a sociedade portava-se bem. As leis gerais, condições necessárias mas de fraco alcance, podiam ser deixadas a cargo de um grupo (ou profissão) especializado, as pessoas políticas. O inverso é um fato no que respeita à produção autogerida. O trabalho produtivo coletivo torna-se tarefa de toda a sociedade, diz respeito a todas as pessoas trabalhadoras. Toda a energia e cuidados não estão ao serviço de trabalhos pessoais, mas da obra coletiva da sociedade. Quanto aos regulamentos, as regras, as leis que regem essa obra coletiva, elas não podem ser deixadas nas mãos de especialistas e seus núcleos excludentes; porque dependem do interesse vital do conjunto de todas as pessoas trabalhadoras, oprimidas e exploradas.

Existe uma outra diferença entre o sistema parlamentar/representativo e o assembleário. A democracia parlamentar/representativa concede um voto a cada pessoa considerada adulta - por base no direito supremo e inviolável de toda pessoa pertencer à humanidade - através de protocolos no decorrer do tempo.

No processo assembleário autogestionário, pelo contrário, apenas as pessoas oprimidas e exploradas estão representadas. Pode-se concluir disso que a assembleia não é realmente democrático porque é excludente?

A autogestão social atende as pessoas oprimidas e exploradas, é sua expressão organizativa para uma sociedade justa, sem desigualdade social.

É um processo revolucionário.

As pessoas socialistas que apenas pensam em termos de representação parlamentar procuraram desculpar ou criticar essa infração à democracia e na injustiça que consiste, segundo elas, em recusar o direito de voto a certas pessoas sob o pretexto que elas pertencem a grupos sociais diferentes e divergentes. Podemos ver hoje como o processo de luta entre grupos sociais engendram naturalmente esse órgãos: assembleias autogeridas.

Não há injustiça em que uma assembleia, estrutura de luta de um grupo de trabalhadoras revolucionárias, não compreenda representantes de grupos adversários, antagônicos e que não se primam pela reciprocidade de atitudes, de condutas. Em uma sociedade autogerida em desenvolvimento não há lugar para as pessoas capitalistas e seus grupos de opressão e exploração; devem desaparecer e desaparecerão.

Qualquer uma que participe no trabalho coletivo pertencerá a uma coletividade e participará nas decisões. O que resta das antigas pessoas exploradoras e ladras não tem voto nem palavra na gestão da produção.

Há diversos grupos sociais em uma sociedade que sobre uma observação superficial nos parecem não se alinhar nem aos exploradas nem as exploradoras, nem são apenas oprimidas nem totalmente opressoras. São pequenas camponesas, artesãs independentes, pessoas intelectuais. Nas lutas revolucionárias, eles oscilam entre as exploradoras e as exploradas,

esse processo oscilatório tenderá a refletir o quanto de revolucionário ou conservador há em cada uma dessas partes.

No processo revolucionário que busque autogestão social levará esses grupos e pessoas a aderirem a um espectro ou outro da revolução.

O Estado já é combatido no primeiro momento da revolução e suas estruturas, que por tanto tempo foram constituídas, serão suprimidas já nos primeiros dias por novas organizações e estruturas feitas de forma coletiva e autogerida de forma a atender as demandas sociais coletivas e de cada pessoa. Uma cultura social surge das cinzas da opressão e exploração, preparando novas formas sociais de convívio primados pela reciprocidade igualitária e libertária, na anarquia equilibrada nas necessidades de todas e desejos de cada uma.



CONTRA O

TOTALITARISMO,
PATRIARCADO,
CAPITALISMO,
MACHISMO,

anarkio.net

A LUTA
É TODO
DIA!

FENIKSO@RISEUP.NET

Unuigu nin!



Programa e Objetivo da Organização Secreta Revolucionária dos Irmãos Internacionais

A Associação dos Irmãos Internacionais quer a revolução universal, social, filosófica, econômica e política ao mesmo tempo, para que da ordem atual das coisas, fundada sobre a propriedade, a dominação e o princípio de autoridade quer religiosa, quer metafísica e burguesamente doutrinária, quer até mesmo jacobinamente revolucionária, não sobre em toda Europa num primeiro momento, e depois no resto do mundo, pedra sobre pedra. Ao grito de paz aos trabalhadores, liberdade a todos os oprimidos e morte aos dominadores, exploradores e tutores de qualquer espécie, queremos destruir todos os Estados e todas as igrejas, com todas as suas instituições e suas leis religiosas, políticas, jurídicas, financeira, policiais, universitárias, econômicas e sociais para que todos estes milhões de pobres seres humanos escravizados, atormentados, explorados, libertos de todos os diretores e benfeitores oficiais e oficiosos, associações e indivíduos, respirem enfim em completa liberdade.

Convencidos de que o mal individual e social reside muito menos nos indivíduos do que na organização das coisas e nas posições sociais, nós seremos humanos tanto por sentimento de justiça quanto por cálculo de utilidade, e destruiremos sem piedade as posições e as coisas a fim de poder, sem nenhum perigo para a revolução, poupar os homens. Negamos o livre-arbítrio e o pretense direito da sociedade de punir. A própria justiça tomada no seu sentido mais humano e mais amplo, é apenas uma idéia, por assim dizer, negativa e de transição; ela coloca o problema social mas não o resolve, indicando apenas o único caminho possível para a emancipação, isto é, de humanização da sociedade pela liberdade na igualdade; a posição positiva só poderá ser dada pela organização cada vez mais racional da sociedade. Esta solução tão desejada, ideal de todos nós, é a liberdade, a moralidade, a inteligência e o bem-estar de cada um pela solidariedade de todos, a fraternidade humana.

Todo o indivíduo humano é o produto involuntário de um meio natural e social no seio do qual nasceu, desenvolveu-se e do qual continua a sofrer influência. As três causas de toda a imoralidade humana são: a desigualdade tanto política quanto econômica e social; a ignorância que é seu resultado natural e sua consequência necessária: a escravidão.

A organização da sociedade sendo sempre e em todos os lugares a única causa dos crimes cometidos pelos homens, há hipocrisia ou absurdo evidente da parte da sociedade em punir os criminosos, uma vez que toda a punição supõe a culpa e os criminosos não são nunca culpados. A teoria da culpa e da punição surge da teologia, isto é, do casamento de absurdo com a hipocrisia religiosa. O único objetivo que se pode reconhecer à sociedade, em seu estado atual de transição, é o direito natural de assassinar os criminosos produzidos por ela mesma no interesse de sua própria defesa e não a de julgá-los e condená-los. Este não será propriamente um direito, na acepção estrita do termo, será antes um fato natural, aflitivo mas inevitável, signo e produto da impotência e da estupidez da sociedade atual: e quanto mais a sociedade souber evitar de utilizá-lo, mais ela estará próxima de sua real emancipação. Todos os revolucionários, os oprimidos, os sofredores, vítimas da atual organização da sociedade e cujos corações estão naturalmente cheios de vingança e de ódio, devem lembrar-se de que os reis, os opressores, os exploradores de toda espécie são tão culpados quanto os criminosos saídos da massa popular: eles são malfeitores mas não culpados, pois são, como os criminosos comuns, produtos involuntários da atual organização da sociedade. Não devemos nos espantar se no primeiro momento, o povo rebelado mate muito. Será talvez uma infelicidade inevitável, tão fútil quanto os estragos causados por uma tempestade.

Mas este fato natural não será nem moral, nem mesmo útil. A este respeito, a história está cheia de ensinamentos: a terrível guilhotina de 1793 que não pode ser acusada nem de preguiça, nem de lentidão, não chegou a destruir a classe nobre da França. A aristocracia foi se não destruída ao menos profundamente abalada, não pela guilhotina, mas pelo confisco e venda de seus bens. E em geral, pode-se dizer que a carnificina política nunca matou os partidos; mostram-se impotentes contra as classes privilegiadas, porque a força reside menos nos homens de que nas posições ocupadas pelos homens privilegiados na organização das coisas, isto é, a instituição do Estado e sua consequência assim como sua base natural, a propriedade individual.

Para fazer uma revolução radical é preciso, pois, atacar as posições e as coisas, destruir a propriedade e o Estado, assim não se terá a necessidade de destruir os homens, e de condenar-se à reação infalível e inevitável que o massacre dos homens nunca deixou e não deixará nunca de produzir em cada sociedade.

Mas para ter o direito de ser humano para com os homens, sem perigo para a revolução, será preciso ser impiedoso para com as posições e as coisas: será preciso destruir tudo e, principalmente e antes de tudo, a propriedade e seu corolário inevitável: o Estado. Este é o segredo da revolução.

Não é preciso espantar-se se os jacobinos e os blanquistas que se tornaram socialistas antes por necessidade que por convicção, e para quem o socialismo é um meio, não o objetivo da Revolução. Pois eles querem a ditadura, quer dizer, a centralização do Estado e que o Estado os leve por necessidade lógica e inevitável à reconstituição da propriedade, é natural, dizemos nós, que não querendo fazer uma revolução radical contra as coisas, sonhem com uma revolução sanguinária contra os homens. Mas esta revolução sanguinária baseada na construção de um Estado revolucionário, fortemente centralizado, teria como resultado inevitável, como provaremos mais tarde, a ditadura militar com um novo senhor. Logo, o triunfo dos jacobinos e dos blanquistas seria a morte da Revolução.

Somos inimigos naturais destes revolucionários, futuros ditadores, regulamentadores e tutores da revolução, que, antes mesmo que os estados monárquicos, aristocráticos e burgueses atuais sejam destruídos, sonham com a criação de novos Estados revolucionários, tão centralizados e mais despóticos do que os Estados que existem hoje, que possuem uma vocação tão grande para ordem criada por uma autoridade qualquer e um horror tão grande pelo que lhes parece desordem e que nada mais é do que a franca e natural expressão da vida popular, que, antes mesmo que uma boa e saudável desordem se produza pela revolução, sonham já com o fim e o cerceamento pela ação de uma autoridade qualquer que

só terá o nome da revolução, mas que efetivamente nada mais será do que uma nova reação pois será uma outra condenação das massas populares, governadas por decretos, à obediência, à imobilidade, à morte, isto é, à escravidão e à exploração por uma nova aristocracia pouco revolucionária.

Compreendemos a revolução no sentido do desencadeamento do que se chama hoje de más paixões e da destruição do que da mesma língua se chama "ordem pública".

Não tememos, invocamos a anarquia, convencido de que esta anarquia, ou melhor, da manifestação completa da vida popular desencadeada, deve sair a liberdade, a igualdade, a justiça, a ordem nova, e a própria força da revolução contra a reação. Esta vida nova, a revolução popular, não tardará sem dúvida a organizar-se, mas criará sua organização revolucionária de baixo para cima e da circunferência para o centro, conforme o princípio de liberdade, e não de cima para baixo nem do centro para a circunferência conforme a moda da autoridade, pois pouco importa se esta autoridade se chama Igreja, Monarquia, Estado Constitucional, República burguesa ou até mesmo Ditadura revolucionária. Detestamos e rejeitamos todos da mesma forma como fontes infalíveis de exploração e de despotismo.

A revolução tal como a entendemos deverá, desde o primeiro dia destruir radical e completamente o Estado. As consequências naturais desta destruição serão:

- A bancarrota do Estado;
- A cessação do pagamento das dívidas privadas pela intervenção do Estado, deixando a cada devedor o direito de pagar as suas, se quiser;
- A cessação dos pagamentos de qualquer imposto e do adiantamento de todas as contribuições, sejam diretas ou indiretas;
- A dissolução do exército, da magistratura, da burocracia, da polícia e do clero;
- A abolição da justiça oficial, a suspensão de tudo o que juridicamente se chamava direito, e o exercício desses direitos;
- Por consequência, a abolição do auto de fé de todos os títulos de propriedade, formais de herança, de venda, de doação, de todos os processos, de toda a papelada jurídica e civil, em uma palavra. Em todo o lugar e em todas as coisas o fato revolucionário, em vez do direito criado e garantido pelo Estado;
- O confisco de todos os capitais produtivos e instrumentos de trabalho em proveito da associação de trabalhadores que deverão produzi-los coletivamente;
- O confisco de todas as propriedades da Igreja e do Estado assim como dos metais preciosos dos indivíduos em benefício da Aliança Federativa de todas as associações operárias, Aliança que constituirá a comuna. Em troca dos bens confiscados, a Comuna dará o estritamente necessário a todos os indivíduos que foram despojados, que poderão mais tarde, com seu próprio trabalho ganhar mais se puderem e se quiserem.

Para a organização da Comuna: a federação das barricadas permanentes e a função de um conselho revolucionário da Comuna pela delegação de uma ou duas pessoas de cada barricada, uma por rua ou por bairro, delegados investidos de mandatos imperativos, sempre responsáveis e sempre revogáveis. O Conselho comunal assim organizado poderá escolher, entre os seus, comitês executivos separados por ramo da administração revolucionária da Comuna.

Declaração da capital insurgida e organizada em Comuna que, depois de ter destruído o Estado autoritário e tutelar, o que ela tinha o direito de fazer porque era escrava como todas as outras localidades, renuncia a seu direito, ou melhor, a qualquer pretensão de governar, de impor-se às províncias.

Chamado a todas as províncias, comunas e associações, convidando a todos a seguirem o exemplo dado pela capital, de organizar-se primeiro revolucionariamente e, após, delegar, em um local convencionado de reunião, seus delegados, todos investidos de mandatos imperativos, responsáveis e revogáveis, para constituir a federação das associações, comunas e províncias insurgidas em nome dos mesmos princípios, e para organizar uma força revolucionária capaz de triunfar sobre a reação. Envio não de comissários

revolucionários oficiais com faixas distintivas, mas de propagadores revolucionários em todas as províncias e comunas, sobretudo entre os camponeses que não poderão revoltar-se nem por princípios, nem pelos decretos de uma ditadura qualquer, mas somente pelo próprio fato revolucionário, quer dizer, pelas consequências que produzirá infalivelmente em todas as comunas a cessação completa da vida jurídica, oficial do Estado.

Abolição do Estado nacional ainda no sentido de todo o país estrangeiro, província, comuna, associação ou até indivíduos isolados, que se revoltaram em nome do mesmo princípio, sejam recebidos na federação revolucionária independente das fronteiras atuais dos Estados, embora pertencendo a sistemas políticos ou nacionais diferentes, e que as próprias províncias, comunas, associações, indivíduos que tomarem partido da reação estarão excluídos. É, pois pelo próprio fato da eclosão e da organização da revolução com vistas à defesa mútua dos países insurgidos que a universalidade da revolução, baseada na abolição das fronteiras e na ruína dos Estados, triunfará.

Não pode haver revolução política triunfante, a menos que a revolução política se transforme em revolução social, que a revolução nacional precisamente por seu caráter radicalmente socialista e destrutivo do Estado se transforme em revolução universal.

A revolução devendo fazer-se, em toda a parte, pelo povo, e a suprema direção devendo estar sempre no povo organizado em federação livre de associações agrícolas e industriais, organizando-se de baixo para cima por meio da delegação revolucionária abrangendo todos os países insurrectos em nome dos mesmos princípios independentemente das velhas fronteiras e das diferenças de nacionalidade, terá por objetivo a administração dos serviços públicos e não o governo dos povos. A aliança da revolução universal contra a aliança de todas as reações será a nova pátria.

Esta organização exclui qualquer idéia de ditadura e de poder dirigente tutelar. Mas, para o próprio estabelecimento desta aliança revolucionária, e para o triunfo da revolução contra a reação, é necessário que em meio à anarquia popular que constituirá a própria vida e toda a energia da revolução, a unidade de pensamento e de ação revolucionária encontre um órgão. Este órgão deve ser a Associação Secreta e Universal do Irmãos Internacionais.

Esta associação parte da convicção de que as revoluções nunca são feitas nem pelos indivíduos nem mesmo pelas sociedades secretas. Elas se fazem por si próprias, produzidas pela força das coisas, pelo movimento dos acontecimentos e dos fatos. Elas se preparam durante muito tempo na profundidade da consciência instintiva das massas populares, depois explodem, suscitadas aparentemente por causas fúteis. Tudo o que uma sociedade organizada pode fazer é, primeiramente, ajudar o nascimento de uma revolução difundindo entre as massas ideias correspondentes aos instintos das massas de organizar, não o exército da revolução – o exército deve ser sempre o povo – mas uma espécie estado-maior revolucionário composto de indivíduos dedicados, enérgicos, inteligentes e, sobretudo, amigos sinceros, e não ambiciosos nem vaidosos, do povo, capaz de servir de intermediário entre a ideia revolucionária e os instintos populares.

Os números destes indivíduos não deve, portanto, ser enorme. Para a organização internacional em toda a Europa, cem revolucionários forte e seriamente aliados, bastam. Duas ou três centenas de revolucionários bastarão para a organização do maior país.

Por Mickail Bakunin, programa elaborado clandestinamente em outono de 1868.
Tradução de Zilá Bernd.



A person wearing a red and black plaid shirt is shown from the chest up. They are holding a flag with a white field and a large green star. Their right arm is raised in a fist. The background is a solid teal color.

ESPERANTO ESTAS REVOLUCIO!

**LINGVO SEN DOMINADO
NEK ALTRUDO!**

ANARKIO.NET

ESPERANTA LINGVO DE LIBERECO



***Organiza e Luta!
Anarquia Sempre!***

**Não dê dinheiro para as igrejas,
paróquias, templos, mesquitas,
sinagogas, etc**

Os assédios aos fiéis não param!

As igrejas se profissionalizaram na arte de ludibriar a população, que sem mais para quem pedir, apelam para Deus, na crença e esperança de terem respondidas suas necessidades. E as religiões e crenças que seriam atos de apoio à estas necessidades, aproveitam para receber uma paga já que se Deus não precisa, seus “fiéis” precisam. O Estado às têm como aliadas, já que “orar”, “rezar” e “meditar” é bem mais dócil do que se rebelar e resistir às investidas sobre as pessoas trabalhadoras.

Como libertários, muitos de nós defendemos o ateísmo e entendemos que as religiões são escapes e ilusões que visam mascarar a realidade, deixando-a mais “conformada” ovelhisticamente e suscetíveis a “doações”, “contribuições” ou o nome que dêem a este ato estelionatário de enganar a população em nome de Deus.

Deus existindo, é um ente auto-suficiente e não precisa de nada para existir, logo não é necessário nenhuma forma de altar ou lhe dar dádivas, nem de igrejas, nem paróquias, nem templos, mesquitas ou sinagogas. Mais claro é dizer que o templo de Deus está dentro de cada pessoa, uma vez feito a sua imagem, como é pressuposto por algumas religiões. Então para que serve dar oferendas e dinheiro a Deus? Muitas abrem mão do que não tem para cumprir com pactos com o tal Deus, uma piada, já que para ele, além de ser auto-suficiente, ele também é onisciente e sabe de antemão o que acontecerá a cada ser “que criou”.

A igreja católica tem centenas de anos de pilhagens, sendo que criou o sistema bancário para cuidar de seus patrimônios, que não para de crescer, já os padres fazem voto de miséria enquanto que o Vaticano fez voto de riqueza! As igrejas evangélicas então, seguindo a trilha aberta pelas pessoas católicas, também trabalham concepções espirituais onde o material é que prevalece, como uma pirâmide onde quem entra deve entregar parte de seus recebimentos para fomentar a pirâmide. A última pessoa que entrar vai ter uma situação difícil, porque tem que bancar a estrutura e ainda ficar com um pequeno lote no céu, já que ele está quase todo “vendido”.

Para encurtar a conversa, acreditem no que quiser, mas não paguem por isso! Deus ou

deuses não precisam disso, já que podem avaliar a dedicação de cada um sem intervenção de ninguém, muito menos de algum “mero mortal”. Desconfie dos enormes templos, das bolsas, sacolinhas, bandejas ou qualquer forma de arrecadação (cartão de crédito, financiamentos, etc). Deus ou deuses não precisam de nada disso para existirem. Para manter obras “filantrópicas”, aí é outra figura, vá e faça sua parte, trabalhe diretamente no que acredita, mas não dê dinheiro, que isso é uma forma de se corromper. Como? Simplesmente muita gente entrega o dinheiro para amenizar sua mente atormentada, principalmente aqueles que vivem de opressão e exploração de outros. Então entrega seu “dízimo” visando serenar a mente! Mas qual o que, para Deus ou deuses, nada mudou na situação.

Pessoas oprimidas e exploradas continuam em sua situação miserável, graças a Deus!!!

Se as igrejas não abrem seus cofres, não distribuem suas riquezas, que suas pessoas devotas à façam, compartilhar é um ato importante, não explorar e nem oprimir também. Isso tudo deve ser feito, com Deus ou sem ele.

Não alimente uma ilusão e nem parasitas das religiões, Deus não precisa!!!





Baza organizado de gelaborantaj

La grupo de gelaborantaj en lukto bezonas organizon, kiu povu kompreni kaj diskuti, per kiu ili povas fari decidojn kaj realigi ilin, kaj dank 'al kiuj ili povas sciigi la agojn, kiujn ili povas fari kaj la celojn, kiujn ili bezonas.

Evidente tio ne signifas, ke ĉiuj ĉefaj agoj kaj ĝeneralaj strikoj devas esti direktitaj de centra punkto, nek ke ili devas esti difinitaj per milita disciplino. Ĉi tio foje okazas, sed plejparte ĝeneralaj strikoj eksplodas spontanee, en klimato de batalemo, solidareco kaj pasio, por respondi al ia malbona bato de la kapitalisma sistemo aŭ subteni kamaradojn. Tiaj strikoj disiĝis kiel sovaĝa fajro tra la ebenaĵo.

Ekde la komenco de la industria revolucio, strikaj movadoj spertis sinsekvon de malaltiĝoj. La plej sukcesaj ofte estis tiuj, kiuj ne estis deciditaj anticipe, dum tiuj provokitaj de la centraj estraroj akiris malaltajn rezultojn.

Por kunvenigi organizitan forton, strikistoj bezonas agadon minimume komunan komprenon. Ili ne povas ataki la potencon organizadon de kapitalisma, entreprena, dungista potenco se ili ne prezentas sin, tre strukturitan organizon, se ili ne formas fortikan kaj kompaktan kuniĝon de siaj fortoj kaj deziroj, se ili ne agas kunordigitaj. Ĉar kiam miloj aŭ milionoj da laborantoj formas ne pli ol unuigitan korpon, ili estos direktitaj nur de dungitoj, kiuj agas por sia nomo. Kaj ni vidis, ke ĉi tiuj reprezentantoj tiam fariĝas posedantoj de la organizo kaj malsukcesas servi la revoluciajn interesojn de la subpremitaj kaj ekspluatataj, laborantaj homoj

Kiel la laborantaj homoj en siaj revoluciaj luktoj povas kolekti siajn fortojn en potenca organizo sen enprofundiĝi en la fetidan ŝlimon de burokratio? Ni pripensas ĉi tiun demandon kun alia: kiam laborantaj homoj sin limigas al pagi siajn sindikatajn kontribuojn kaj obei la forumojn, ĉu ili efektivas revoluciajn emancipiĝajn agojn?

Lukti por libereco ne estas lasi la estrarojn decidi sur sia loko, nek sekvi ilin kun obeemo, kaj povi riproĉi ilin de tempo al tempo. Agi por libereco signifas partopreni per ĉiuj viaj rimedoj, pensi kaj decidi por vi mem, preni ĉiujn respondecojn kiel homo inter egalaj partneroj. Estas evidente, ke pensi por si mem, decidi tion, kio estas kohera kaj justa, konsistigas por la malfacila homo, kiu havas la spiriton laca de la ĉiutaga laboro, malfacila kaj malfacila tasko, multe pli postulema ol se ĝi estas limigita. pagi kaj obei.

Sed ĝi estas la vojo, kiu efektive kondukas al libereco!

Lasi sin liberigi de la aliaj, kiuj igas ĉi tiun liberigon instrumento de superregado, estas simple anstataŭigi la malnovajn dungantojn per aliaj.

Por atingi sian celon - libereco - laboristoj devas administri la mondon; ili devas povi uzi la riĉaĵojn de la tero en maniero, kiu bonigos ĝin por ĉiuj. Ili ne povos fari tion ĝis ili scios

agi memstare libera volo. La revolucio de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj ne konsistas ekskluzive en detruado de kapitalisma potenco. Ĝi ankaŭ postulas, ke ĉiuj laboristoj forlasu sian situacion de dependeco kaj nescio por sendependiĝi kaj konstrui novan mondon. Organizo fakte, ke laborantaj homoj bezonas en la revolucia procezo, estas organizo, en kiu ĉiu partoprenas, korpe kaj animaj, tiel agante kiel direkte, en kiu ĉiu pensas, decidas kaj agas mobilizante ĉiujn siajn energiojn - bloko kunigitaj de plene respondecaj homoj. Profesiaj estraroj ne havas lokon en tia organizo. Kompreneble necesos konsenti, ke ĉiu submetiĝos al la decidoj, kiujn ŝi kontribuis. Sed la potenca aro estas en la manoj de ĉiuj en la organizo

Kiel ĉi tiu organizado efektiviĝos? Kian strukturon ĝi havos?

Ne ekzistas recepto aŭ antaŭdifinitaj manieroj por ke la organizado de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj okazu, tempo montris al ni, ke ĉi tiuj homoj kapablas organizi sin mem-mastrumado.

La unua esprimo de organiza kapablo estas strikaj komitatoj.

Kiam strikoj atingas certan gravecon, fariĝas neeble ke ĉiuj laboristoj partoprenu la saman asembleon. Ili do elektas delegitojn regroupigi en komitato. Tia komitato estas nenio krom plenuma strukturo por strikantoj; konstante interligi ilin kaj devi ekzekuti la decidojn de laborantaj homoj. Ĉiu delegito estas revokebla iam ajn kaj la komitato neniam povas fariĝi sendependa aŭ absoluta povo. Tiamaniere la grupo de strikistoj certigis, ke ili unuiĝos en agado, konservante la privilegion de decidoj. Kiel ĝenerala regulo, la sindikatoj kaj iliaj estraroj respondecas pri la direkto de la komitatoj.

Dum la 70-aj kaj 80-aj jaroj en la lasta jarcento, kiam strikoj konstante eksplodis en la fabrikoj, la strikantoj elektis delegitojn, kiuj organizis sin por la industrioj, fabrikoj kaj atelieroj de tuta regiono, por kunvenigi ilin. forto. La tasko estis diskuti pri ekonomiaj aferoj kaj strikoj baziĝis sur tio.

Estas debatoj, detale, pri la nuna situacio, la interesoj de ĉiuj laborantaj homoj kaj politikaj eventoj. Delegitoj konstante kovris la interspacon inter la asembleo kaj iliaj fabrikoj. La siavice, laborantoj partoprenis ĝeneralajn asembleojn, kie ili diskutis aferojn pri sia tuja intereso, prenis decidojn kaj ofte nomumis novajn delegitajn personojn.

La estroj, kiuj plej elstaris, estis elektitaj kiel reprezentantoj; lia laboro estis instigi ilin en ĉi tiu striko-procezo. Per tio, multaj agoj estis organizitaj, sed ili konservis rilaton de kontrolo kaj centralismo ĉe ĉi tiuj estroj, kiuj fariĝis estroj kaj elito de laboristaj homoj.

Kompreneble organizo de laborantaj homoj povas funkcii nur kiam ĝi estas en ĉeesto de grupo de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj. Tiel longe kiel la laboristoj ne havas intencon daŭrigi la revolucion, ekzistas neniua organizo. Se la laboristoj ne estas sufiĉe iluminitaj por malkovri la vojon de revolucio, se ili kontentas vidi, ke iliaj estraroj kaj laŭleĝaj reprezentantoj respondecas pri ĉiuj paroladoj, meditadoj kaj intertraktadoj celantaj akiri reformojn en la kapitalisma sistemo, parlamentoj, la partioj kaj la sindikataj centroj - ili sufiĉas por ili.

Sed se, kontraŭe, la laboristoj metas ĉiujn siajn energiojn al la servo de la revolucio, se ili partoprenas kun entuziasmo kaj pasio en ĉiuj eventoj, ili pensas kaj decidas, por si mem, ĉiujn detalojn de la lukto ĉar ĝi estos ilia laboro, ĉi-kaze, memadministrataj asembleoj estas la necesa formo de organizado.

Ĉi tio ankaŭ implicas, ke la asembleoj ne povas esti konstituitaj de revoluciaj grupoj. Ĉi-tiuj nur povas disvastigi ĉi tiun ideon, klarigante al siaj kunlaborantoj, ke la premataj kaj ekspluatataj en lukto se asembleoj devas esti organizitaj ekestas per la unua ago de revolucia karaktero; ĝia graveco kaj funkcio kreskas dum la revolucio disvolviĝas.

Tuj ili eble ne estas pli ol simplaj korpoj de striko, konsistigitaj por batali sindikatajn estrojn, kiam ajn strikoj iras preter la intencoj de ĉi tiuj kaj strikistoj rifuzas akompani ilin plu.

La funkcioj de ĉi tiuj strukturoj fariĝas pli vastaj per ĝeneralaj strikoj. La delegitoj de ĉiuj fabrikoj estas tiam komisiitaj pridiskuti kaj decidi pri ĉiuj kondiĉoj de lukto; ili devas

klopodi transformi la batalajn fortojn de laboristoj en artikolajn, pripensindajn agojn, kaj vidi kiel ili povas reagi kontraŭ registaro, dunganto, komerco kaj militaj mezuroj.

Dum striko, decidoj faros la laboristoj mem. Ĉiuj opinioj, deziroj, avidecoj kaj angoroj kaj frustrigoj de la loĝantaro konsistigas neniun pli ol unu tuton ene de la asembleo. Ĉi tio fariĝas la simbolo, la interpretanto de la laborista potenco; sed ĝi ankaŭ estas ne pli ol parolanto, kiu povas esti revokita en ajna momento. Neleĝa organizo de kapitalisma socio, ĝi fariĝas de facto forto, kiun la registaro ekde tiam enkalkulis.

Tuj kiam la revolucia movado akiras tian potencon, ke la registaro estas serioze trafita, la asembleaj laboristoj fariĝas politikaj korpoj. En politika revolucio, ili enkorpiĝas la potencon de la laboristoj kaj devas preni ĉiujn necesajn mezurojn por malfortigi kaj venki la kontraŭajn grupojn. Kiel potenco en milito, ili devas gardi tra la lando, por ne perdi la vidon de la klopodoj faritaj de la gvidantoj, dungantoj, bankistoj, komercaj grupoj por kolekti siajn fortojn kaj gajni la laboristojn.

Aliflanke ili devas supozi iujn publikajn aferojn, kiuj antaŭe estis administritaj de la ŝtato: sano, transporto, publika sekureco kaj aliaj bezonoj de la socio ĝenerale kaj precipe de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj.

Ili finas per produktado, kio reprezentas la plej gravan kaj penigan taskon de la subpremitaj kaj ekspluatataj en revolucia situacio.

Ne estis socia revolucio, kiu komenciĝis kiel simpla ŝanĝo de politika gvidado, kiu, konkerinte potencon, procedas al la necesaj sociaj ŝanĝoj helpe de novaj reguloj. La kreskanta grupo ĉiam konstruis, antaŭ kaj dum la lukto, la novajn organizaĵojn, kiuj ekestis el la malnovaj, kiel burĝonoj de seka arbo. Dum la franca revolucio, la novaj kapitalismaj grupoj, la civitanoj, la komercistoj kaj metiistoj konstruis, en ĉiu urbo kaj vilaĝo, komunumajn asembleojn kaj tribunalojn, kontraŭleĝaj tiutempe, kaj kiuj faris nenion alian ol uzurpi la funkciojn de la reĝaj oficejoj, realigitaj senhelpa. Kaj dum en Parizo la delegitoj de ĉi tiuj asembleoj redaktis la novan konstitucion, civitanoj tra la lando realigis la realan konstitucion per promocio de politikaj kunvenoj kaj konstruado de politikaj organizoj, kiuj poste devus esti leĝigitaj.

Sammaniere, en la emancipa revolucio de la subpremitaj kaj ekspluatataj, kreskanta grupo devas krei siajn novajn formojn de organizado, kiuj iom post iom dum la tuta revolucia procezo okupos la malnovan ŝtatan politikan organizon. Kiel nova formo de politika organizado, la asembleo de laboristaj homoj fine anstataŭas la parlamentanisman, kiu estas la politika formo de la kapitalisma reĝimo.

Kapitalismaj teoriistoj, socialdemokratoj kaj eĉ socialistoj opinias, ke partio kaj parlamenta demokratio vidas la perfektan modelon de demokratio, konforme al la principoj de justeco kaj egaleco. Fakte, ĉi tio ne estas pli ol maniero kamufli la kapitalisman kaj aŭtoritatan dominadon, kiu mokas ĉian justecon kaj egalecon. Nur rektaj, memadministrataj asembleoj estas administrado de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj, de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj kaj de subpremitaj kaj ekspluatataj homoj.

Partia kaj parlamenta demokratio estas abjecta demokratio. La loĝantaro ne povas elekti siajn delegitojn kaj voĉdoni nur post kvar aŭ kvin jaroj; kaj tiu voĉdono estu la plej ĝentila, sentiva kaj senutila!

Balotantoj nur povos ekzerci sian potencon kiam voĉdonas; la resto de la tempo ili estas malsovaĝaj, tre docilaj kaj senpovaj, kiel bezonas la regosistemo de potencaj grupoj. En ĉi tiu cifereca epoko, en la 21a jarcento, ekzistas iuj simuladoj de virtuala partopreno, kie homoj kredas, ke ili havas ian ciferecan influon sur tiaj temoj, sed kiel skribite, mi estas nenio pli ol simulado de partopreno, kiu kiam vi malkonektas de aparato, vi finos. kiel ĝi komenciĝis!

Elektitaj homoj fariĝas gvidantoj de la socio; ili plenumas leĝojn, formas registarojn kaj la loĝantaro devas obei nur fidele. Kiel ĝenerala regulo, la voĉdona maŝino estas desegnita tiel, ke nur grandaj partioj, potence ekipitaj, rajtas gajni. Estas tre malmultaj sidlokoj gajnitaj de la partioj, kiuj asertas kontraŭstari.

En asembleo, ĉiu delegita persono estos revokata kiam ajn necesas. Ĉiu delegito estas

nenio pli ol provizora proparolanto por specifa celo. Ofte tiuj homoj esprimas, ne sian propran opinion, sed tiun, kiun ŝi estis petita esprimi, alie ŝi tute perdas sian leĝan karakteron kiel delegito. Ĉi tiu delegacio estas neceso kaj ĉiam estos provizora, la memadministra asembleo ĉiam estos suverena ĉiam.

La parlamenta modelo de la reprezenta partio transdonas carte blankan al la mano de ĉiu elektita parlamentano por ke ŝi povu esprimi tion, kion ŝi volas. Se pro iu kialo li aŭdas ĝin, ĉu ĉe amaskunvenoj aŭ en sociaj amaskomunikiloj, lia voĉdona bazo celas transdoni la bildon, kiun li zorgas.

La mandato estas kaj ĉiam estos tiu persono kaj lia partio kaj ne la loĝantaro!

Modelo de memadministrataj asembleoj kontraŭas ĉi tion: ĉiu delegita homo estas esprimo de la laboristoj.

La voĉdona modelo estas kvanto laŭ siaj rezultoj, kaj neniel eblas esti alie: ĉiu homo estas fiksita voĉdono (de la plej ilumiĝintaj homoj ĝis la plej sensciaj homoj) kaj prenos tiun, kiu ricevas la plej multajn voĉojn, tio estas la plej grandan kvanton = kvantan procezon !

Ĉiu kandidato en ĉi tiu situacio ne zorgas pri ĉiu balotanto, sed pri esti elektita.

Memadministrataj asembleoj kunigas homojn rekte kaj ĉiu estas valida esprimo. Ili estas organizitaj en kvartaloj, komunumoj, fabrikoj, kampoj, industrioj kaj kie ajn ili bezonas, ĉiam horizontale, sen posedantoj aŭ dumvivaj pozicioj. La diskutoj estas kolektivaj kaj ĉiam traktataj por atingi konsenton, komuna ago por ĉiuj, plene klarigita por ĉiuj. Ĉi tiu estas la maniero, kiu plej certigas la plej ampleksan eblan partoprenon kaj regadon de la socio, sen intermedioj de ia ajn formato.

Post kiam ili funkcias en ĉiuj partoj de la socio, la asembleoj fariĝas socia administrada reto, kiu implikas ĝin kaj faras ĝin celanta procezojn, kiuj plenumas ĉiujn postulojn de la subpremitaj kaj ekspluatataj homoj. Ju pli da partoprenado de la laborantaj, subpremitaj kaj ekspluatataj homoj des pli dinamika estas la strukturo de asembleoj, fariĝante rilatoj sen subpremo kaj ekspluatado komuna kaj plivastigita praktiko. La koncepto de esti nek subpremita nek subprema, nek ekspluatata nek ekspluatata fariĝas realaĵo.

Partia parlamenta voĉdona modelo kontentigas la bezonojn de sociaj grupoj, kutime la plej organizitajn kaj tiujn kun plej multaj rimedoj, kiuj estas preskaŭ ĉiam ekspluatemaj kaj subpremaj grupoj.

Kvankam ŝajnas ke ĉiu persono kiu voĉdonas havas ian uzon en ĉi tiu modelo, al la fino ili liveras nur malplenan potencon por ke tiaj grupoj povu pentri kaj brodi, kiel ili deziras kaj ne laŭ la socio, precipe la premataj kaj ekspluatataj homoj bezonas. Elektro estas iluzio, fumekrano pri tio, kio efektive okazas: konservado de sociaj neegalecoj. Ĉiu propagando ĉirkaŭiras kaŝante ĉi tiun situacion kaj eluzante la potencon de ĉiu voĉdono, bonkvalita voĉdono ... sed ĝi estas same priskribita, kvanta voĉdono. La penado de homo kompreni la administran / registran programon de "perfekta" kandidato kaj ŝia "mirinda" partio faras tre malmulte por kontribui al la lavango de homoj, kiuj voĉdonos pro timo, por beleco, por mensogo, por iluzio, por komforto. aŭ por io ajn stulta, kion ili volas.

Lia politika tasko estis nur eta parto de la laboro de la socio. La plej grava, produkta laboro, estis la respondeco de ĉiuj apartaj produktantoj, civitanoj kiel komercistoj; ŝi preskaŭ ĉiam postulis sian tutan energion kaj zorgadon. Tuj kiam ĉiu estaĵo prizorgis siajn malgrandajn entreprenojn, la socio kondutis bone. Ĝeneralaj leĝoj, necesaj kondiĉoj sed kun limigita amplekso, povus esti lasitaj al specialigita grupo (aŭ profesio), politikaj homoj. La reverso estas fakto kun memmastrumita produktado. Kolektiva produktiva laboro fariĝas la tasko de la socio entute, ĝi koncernas ĉiujn laborantojn. Ĉiuj energio kaj zorgo ne servas al persona laboro, sed al kolektiva laboro de la socio. Rilate al la regularoj, la reguloj, la leĝoj, kiuj regas ĉi tiun kolektivon verkon, ili ne povas esti lasitaj en manoj de specialistoj kaj iliaj ekskluzivaj kernoj; ĉar ili dependas de la esenca intereso de ĉiuj laborantaj homoj, premataj kaj ekspluatataj.

Estas alia diferenco inter la parlamenta / reprezenta sistemo kaj la asembleo. Parlamenta / reprezenta demokratio donas voĉdonon al ĉiu homo konsiderata kiel plenkreskulo - surbaze de la supera kaj neviŝebla rajto de ĉiu homo aparteni al la homaro - per protokoloj tra la tempo.

En la memregata asembleo, kontraŭe, nur subpremitaj kaj ekspluatataj homoj. Ĉu oni povas konkludi el tio, ke la asembleo ne vere demokratias, ĉar ĝi estas ekskluziva?

Socia memadministrado servas subprematajn kaj ekspluatitajn homojn, ĝi estas ĝia organiza esprimo por justa socio, sen socia malegaleco.

Ĝi estas revolucia procezo.

Socialismaj homoj, kiuj nur pensas en parlamenta reprezentado, provis senkulpiĝi aŭ kritiki ĉi tiun malobservon de demokratio kaj la maljusteco, kiu, laŭ ili, konsistas en rifuzi la rajton voĉdoni al iuj homoj kun la preteksto, ke ili apartenas al malsamaj kaj diverĝaj sociaj grupoj. Ni povas vidi hodiaŭ kiel la batalproceso inter sociaj grupoj nature naskas ĉi tiujn korpojn: memadministratajn asembleojn.

Ne ekzistas maljusteco, en kiu asembleo, la strukturo de lukto de grupo de revoluciaj laboristoj, ne enhavas reprezentantojn de kontraŭstaraj, antagonismaj grupoj, kiuj ne elstaras pri reciprokeco de sintenoj, kondutoj. En evoluanta mem-administrita socio ne estas loko por kapitalistoj kaj iliaj grupoj de subpremo kaj ekspluatado; ili devas malaperi kaj ili malaperos.

Ĉiu, kiu partoprenas kolektivajn laborojn, apartenos al kolektivo kaj partoprenos en decidoj. Kio restas de la antaŭe ekspluatantaj kaj ŝtelantaj homoj havas neniun voĉdonon aŭ dirojn en la administrado de produktado.

Ekzistas pluraj sociaj grupoj en socio, kiuj laŭ malprofunda observado ŝajnas aligi sin nek ekspluatitajn nek ekspluatantojn, nek nur subprematajn aŭ tute subpremajn. Ili estas malgrandaj kamparanoj, sendependaj metiistoj, intelektuloj. En revoluciaj luktoj, ili oscilas inter ekspluatantoj kaj ekspluatatoj, ĉi tiu osciliga procezo inkludas reflekti kiom da revolucia aŭ konservativa ekzistas en ĉiu el ĉi tiuj partoj.

En la revolucia procezo, kiu serĉas socian memadministradon, ĝi kondukos ĉi tiujn grupojn kaj homojn aliĝi al unu spektro aŭ alia de la revolucio.

La ŝtato estas jam luktitaj en la unua momento de la revolucio kaj ĝiaj strukturoj, kiuj dum tiom longe konstituiĝis, estos subpremitaj en la unuaj tagoj per novaj organizoj kaj strukturoj faritaj kolektive kaj memadministrataj por plenumi la kolektivajn sociajn postulojn de ĉiu homo. . Socia kulturo elvenas el la cindroj de subpremo kaj ekspluatado, preparante novajn sociajn formojn de kunvivado, karakterizata de egaleca kaj liberecana reciprokeco, en anarkio ekvilibra laŭ la bezonoj de ĉiuj kaj la deziroj de ĉiu.





**Dio ne bezonas monon!
Finfine ĝi ne ekzistas!**

Ne donu monon al preĝejoj, temploj,
moskeoj, sinagogoj ktp.

Persekutado de fideluloj ne ĉesas!

La eklezioj fariĝis pli profesiaj pri la arto trompi la loĝantaron, kiu, sen iu alia petante, vokas Dion, laŭ la kredo kaj espero respondi siajn bezonojn. Kaj religioj kaj kredoj kiuj subtenus ĉi tiujn bezonojn, kaptu la okazon ricevi pagon ĉar se Dio ne bezonas ĝin, liaj "fideluloj" bezonas ĝin. La ŝtato havas ilin kiel aliancinojn, ĉar "preĝi", "preĝi" kaj "mediti" estas multe pli docile ol ribeli kaj kontraŭstari atakojn al laboristaj homoj.

Kiel liberecinoj, multaj el ni defendas ateismon kaj komprenas, ke religioj estas eskapoj kaj iluzioj, kiuj celas maski la realon, lasante ĝin pli "konforma" kaj ŝajne "donacoj", "kontribuoj" aŭ la nomo, kiun ili donas al ĉi tiu akto. trompe trompi la loĝantaron en la nomo de Dio.

Dio ekzistas, li estas mem-sufiĉa estaĵo kaj ne bezonas ion ekzisti, do ne necesas ia formo de altaro aŭ donacoj al li, nek de preĝejoj, nek de paro paro, nek de temploj, moskeoj aŭ sinagogoj. Pli klare estas diri, ke la templo de Dio estas en ĉiu homo, iam farita laŭ lia bildo, kiel supozis iuj religioj. Do por kio utilas doni oferojn kaj monon al Dio? Multaj rezignas pri tio, ke ili ne devas obei paktojn kun tiu Dio, ŝerco, ĉar por li, krom esti memsufiĉa, li ankaŭ estas ĉiopova kaj scias anticipe, kio okazos al ĉiu "kreita" estaĵo.

La katolika eklezio havas centojn da prirabado, kaj ĝi kreis la bankan sistemon por prizorgi sian havaĵon, kiu neniam ĉesas kreski, la pastroj jam faras voton de mizero dum Vatikano prenis voton de riĉeco! Evangeliaj preĝejoj tiam, sekvante la vojon malfermitan de katolikaj homoj, ankaŭ laboras pri spiritaj konceptoj, kie regas materialo, kiel piramido, kie tiuj, kiuj devas liveri parton de siaj kvitancoj por nutri la piramidon. La lasta homo por eniri havos

malfacilan situacion, ĉar li devas pagi la strukturon kaj ankoraŭ havas malgrandan multon en la ĉielo, ĉar li estas preskaŭ ĉio "vendita".

Por mallongigi la konversacion, kredu tion, kion vi volas, sed ne pagu por ĝi! Dio aŭ dioj ne bezonas ĉi tion, ĉar ili povas taksi la sindediĉon de ĉiu sen la interveno de iu ajn, almenaŭ ĉio "nura mortinto". Gardu vin pri la grandegaj temploj, monuoj, sakoj, pletoj aŭ iu ajn formo de kolekto (kreditkarto, financado ktp). Dio aŭ dioj ne bezonas ion ajn por ekzisti. Por daŭrigi "filantropajn" verkojn, estas alia figuro, iru kaj faru vian parton, prilaboru rekte tion, kion vi kredas, sed ne donu monon, ke tio estas maniero korupti. Kiel? Multaj homoj simple transdonas la monon por faciligi siajn turmentitajn mensojn, precipe tiujn, kiuj vivas per subpremo kaj ekspluato de aliaj. Do donu vian "diecon" por trankviligi vian menson! Sed kio, pro Dio aŭ dioj, nenio ŝanĝiĝis en la situacio.

Malesperaj kaj ekspluatataj homoj restas en sia mizera situacio, dankon al Dio !!!

Se la eklezioj ne malfermas siajn kofrojn, ili ne disdonas sian riĉaĵon, kion faras iliaj sindonemaj homoj, dividi estas grava ago, ne ekspluati kaj ankaŭ ne subpremi. Ĉi tio devas plenumi, kun aŭ sen Dio.

Ne nutru iluzion aŭ parazitajn de religioj, Dio ne bezonas !!!





UNIO KAJ LUKTO

ANARKIO.NET